

**NARRATIVAS DE NÃO-JORNALISTAS NA REVISTA PIAUÍ:
ALTERIDADE ENQUANTO ELO INFORMATIVO E HUMANIZANTE**

**NARRATIVES FROM NON-JOURNALISTS IN PIAUÍ MAGAZINE:
OTHERNESS AS AN INFORMATIVE AND HUMANIZING LINK**

Thayna Vieira Pereira¹¹
Iuri Barbosa Gomes¹²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a alteridade no Jornalismo e sua importância nas narrativas para estimular afetos, elucidando a diversidade social e os múltiplos sujeitos que estão inseridos nela de forma humanizada. Neste trabalho considera-se o Jornalismo como um construtor de realidade, e como mediador do mundo através da escrita, de forma ética e empática. A metodologia aplicada foi estudo de caso, tendo como objeto de análise textos da seção *Depoimento* publicados na revista piauí. Trata-se de um espaço dedicado a veicular vivências de não-jornalistas, e o material produzido é marcado por forte apelo pessoal – distanciando-se, assim, da almejada *objetividade jornalística*. Interessa-nos como os relatos se interseccionam com o fazer jornalístico mediados pela alteridade.

Palavras-chave: Alteridade. Jornalismo. Narrativa. Revista piauí. Humanização.

ABSTRACT

This article aims to reflect on alterity in Journalism and its importance in narratives to stimulate emotions, elucidating social diversity and the multiple subjects within it in a humanized manner. In this study, Journalism is considered a reality builder and a mediator of the world through writing, in an ethical and empathetic way. The applied methodology was a case study, analyzing texts from the *Depoimento* section published in *piauí* magazine. This section is dedicated to featuring the experiences of non-journalists, with the produced material marked by a strong personal appeal—thus distancing itself from the sought-after journalistic objectivity. Our interest lies in how these accounts intersect with journalistic practice, mediated by alterity.

Keywords: Alterity. Journalism. Narrative. piauí magazine. Humanization

¹¹ Jornalista graduada pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat, campus Tangará da Serra). Email: thayna.vieira@unemat.br.

¹² Jornalista com doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso, (UFMT), professor do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat, campus Tangará da Serra). E-mail: iurigomes@unemat.br

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo refletir e incitar a reflexão sobre o espaço cedido pela revista piauí para não-jornalistas compartilharem histórias de vida na seção *Depoimento* - relatos que também são encontrados como *História pessoal* e *Diário*. Objetiva-se analisar como o Jornalismo pode provocar e explorar textualmente o que se entende por alteridade.

Uma narrativa humanizante, que tem a alteridade em sua construção, possibilita que o leitor¹³ se sensibilize com a história e abre margem para um outro ponto de vista. Ao responder à pergunta “O que é Jornalismo?”, Nelson Traquina, logo no início do volume I de *Teorias do Jornalismo*, responde poeticamente que “Jornalismo é a vida” (Traquina, 2012). E a vida, como uma citação atrelada ao filósofo Paul Ricoeur (1913-2005), é estruturada de forma narrativa. Observa-se que, mais do que nunca, “[...] a informação pública do Ocidente é hoje profundamente marcada pela ordem do valor de troca”. (Sodré, 1996, p. 131). A informação é, em alguma medida, item básico para a efetiva participação nas decisões sociais. “A informação me situa no mundo, amplia meus conhecimentos, me dá mais elementos sobre a realidade que me cerca, me ajuda atuar no meu cotidiano.” (Marcondes Filho, 2014, p. 16). E é através do outro - aqui entendido como um sujeito dotado de idiosincrasias - que se consegue informação.

O papel do comunicador é essencial para a ativação da capacidade de cada pessoa narrar e construir uma identidade. A interpolação de identidades, mediada pelo Jornalismo, integra o processo de construção social que é compartilhado midiaticamente. E quando as informações são apresentadas sob uma estética (e uma ética) narrativa, observa-se ser possível situar social e culturalmente os demais que nos cercam. Tal qual define Jesús Martín-Barbero (2005):

¹³ Apesar do termo “leitor” estar comumente associado ao texto impresso, considera-se neste artigo o leitor em um sentido mais amplo. Assim, entende-se “leitor” como sujeito social que lê (interpreta, compreende) textos, imagens e sons veiculados jornalisticamente.

Nessa perspectiva, a comunicação da cultura depende menos da quantidade de informação circulante do que da capacidade de apropriação que ela mobiliza, isto é, da ativação da competência cultural das comunidades. Comunicação significará então colocação em comum da experiência criativa, reconhecimento das diferenças e abertura para o outro. (Martín-Barbero, 2005, p. 68-69)

Este artigo se debruça sobre como a seção criada pela Revista piauí explora e exercita, através de relatos pungentes, o que se compreende como alteridade. A análise dos textos escolhidos lança luz sobre o papel de construtor de realidade atribuído ao Jornalismo e a importância da estética narrativa para a humanização do relato.

ALTERIDADE

Neste artigo considera-se o conceito de alteridade em uma perspectiva fenomenológica, pelas percepções dos sujeitos - ou seja, a partir da experiência humana de seres em situação no mundo, de um ponto de vista subjetivo. Metodologicamente inicia-se pela etimologia e pelo conceito da palavra, tendo como um dos subsídios teóricos a obra *O si mesmo como um outro* (1991), do filósofo Paul Ricoeur (1913-2005).

A palavra “alteridade” deriva do latim, e é composta pelo radical *alter* - cujo significado é “outro” - e pelo sufixo *tatis* (dade), que o substantiva. Segundo o Dicionário online Michaelis¹⁴, “alteridade” significa uma característica ou qualidade de ser diferente, de ser outro, algo que é distintivo.

Segundo Benetti e Freitas (2017) é necessário abordar “alteridade” em uma perspectiva fenomenológica porque “[...] se dá pela tríade mente, corpo e mundo, que nos interessa para compreender a alteridade como um fenômeno que ocorre no mundo, no corpo-espírito e entre ‘eu’ e ‘outro’.” (Benetti e Freitas, 2017, p. 3). Ou seja, é a partir do entendimento que se vive em um meio

¹⁴ **MICHAELIS**: moderno dicionário da língua portuguesa. Palavra: alteridade. [São Paulo]: Melhoramentos, 2009. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=alteridade> Acesso em: 30 set. 2024.

complexo (e temos tendência a reduzir o mundo às nossas experiências) que será norteada a análise dos textos selecionados para este estudo de caso.

Diante disso, Benetti e Freitas (2017) trazem duas questões-chave para entender a proximidade entre fenomenologia e alteridade. Primeiro, enunciam o repórter também como um ser no mundo, e mesmo que ele - sendo jornalista - tenha uma experiência própria do que apura, ainda assim tenta levar as próprias expectativas para além das experiências pessoais.

Tem-se aqui o exercício da conhecida e almejada “objetividade jornalística”¹⁵ : preceitos que regem o *fazer jornalístico* para (tentar) blindá-lo de idiosincrasias próprias de cada senciente. Segundo, as autoras colocam o Jornalismo como uma instituição que deve ser norteada pela intenção de ampliar o conhecimento dos leitores. (Benetti e Freitas, 2017). Ou seja, provocar o leitor para ir além de suas próprias experiências através das informações veiculadas socialmente.

Tal como define o jornalista e professor Nilson Lage (1936-2021) na obra *Linguagem Jornalística* (2006), o jornalismo é uma prática social transfronteiras, pois “[...] mobiliza outros sistemas simbólicos além da comunicação linguística.” (Lage, 2006, p. 5). O Jornalismo se afirma como protagonista na construção social da realidade ao possibilitar a transposição de fronteiras informacionais.

O compartilhamento coletivo de diferentes sistemas simbólicos envolve, também, passividade: a maneira como somos impactados pelo que é externo e diferente de nós. A experiência de *ser-estar* no mundo e o compartilhamento de *afetos*¹⁶ com o outro estão interligados, e o Jornalismo apresenta-se como

¹⁵ Ressalta-se que a “objetividade” no campo jornalístico é atravessada por três fatores: a forma, as relações interorganizacionais e o conteúdo. Para maior detalhamento desta perspectiva que embasa a elaboração deste artigo, cf. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas, de Gaye Tuchman. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7723031/mod_resource/content/1/TUCHMAN%20A%20objetividade%20como%20ritual%20estrat%C3%A9gico.pdf Acesso em: 30 set. 2024.

¹⁶ Compreende-se afeto a partir da definição proposta por Benedictus de Spinoza na obra *Ética* (2009, p. 98): “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”.

mediador em tais relações ao proporcionar a intersecção de histórias e a distribuição de informações - cujo alcance e instantaneidade foram ampliados com a otimização da Internet e diferentes *gadgets* a partir dos anos 2000¹⁷.

O filósofo Paul Ricoeur também utiliza a fenomenologia para discutir alteridade. Segundo ele, “[...] para fixar o vocabulário, estabeleçamos que o correspondente fenomenológico da metacategoria de alteridade é a variedade das experiências da passividade, mescladas de múltiplas maneiras ao agir humano.” (Ricoeur, 2019, p. 375). Aqui, a metacategoria é algo fundamental e abrangente que vai além de outras categorias, é uma forma de estruturar e organizar a experiência de forma mais ampla. O autor ainda afirma que “[...] a passividade resumida na experiência do corpo próprio, ou melhor, como se dirá adiante, da carne, como mediadora entre o si e um mundo tomado segundo seus graus variáveis de praticabilidade, e portanto, de estraneidade.” (Ricoeur, 2019, p. 376).

O corpo, ou a “carne”, é o que serve de intermédio entre o sujeito e o mundo, pois é através dele que nós experienciamos e interagimos com o mundo e com os outros. Segundo Ricoeur (1991), a alteridade está intimamente ligada à responsabilidade social. No livro *O si-mesmo como outro* (2014), Ricoeur apresenta três tipos de alteridade: 1) “o corpo próprio ou a carne”, em que a carne é a mediadora do si com o mundo, 2) “a alteridade de outrem”, alteridade do outro e 3) a consciência. Com isso, ficaremos com a segunda, na qual ele afirma que “[...] a leitura, como meio no qual se realiza a transferência do mundo da narrativa - portanto, também do mundo das personagens literárias -, para o mundo do leitor, constitui lugar e elo privilegiados para a afetação do sujeito que lê”. (Ricoeur, 2019, p. 389).

¹⁷ Compreende-se que os avanços técnicos proporcionados pela otimização da Internet e itens relacionados a ela não são uma panaceia social. Ressalta-se que é necessário levar em consideração quais condições tais benesses são usufruídas e/ou compartilhadas socialmente. Dados da PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) lançam luz sobre um percentual cada vez maior com acesso à Internet (principalmente via celular) no Brasil, o que não significa necessariamente em um maior esclarecimento sobre temas socialmente importantes. Cf.: OLIVEIRA, Rosana Alves de. Você precisa ver isso! Fake news e indignação moral na campanha eleitoral de 2022. Tese. 2024. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/22053/2/Tese - Rosana Alves de Oliveira - 2024 - Completa.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2024.

A partir disso, faremos um entrelaçamento entre alteridade e Jornalismo porque através de narrativas é possível falar sobre e para a diversidade social que nos circunda, reconstruir os fenômenos percebidos e abordar as discrepâncias que existem socialmente. A linguagem jornalística, erigida a partir da apuração, produção e distribuição das informações, utiliza-se de recursos narrativos que aproximam os leitores dos relatos veiculados.

É através da comunicação que somos capazes “[...] de reconhecer o outro e se reconhecer no outro, de reconhecer um Eu na diversidade do Outro, numa relação de reciprocidade e mutualidade, que implica o reconhecimento da igualdade de direitos entre os sujeitos de uma sociedade.” (Barros, 2020 *apud* Barros, 2020, p. 8). E como se sabe, a notícia é a matéria-prima do Jornalismo.

Muniz Sodré (1996) escreve: “A notícia, enquanto narrativa e produto mais típico do Jornalismo, implica uma conexão de fatos e, portanto, um certo tipo de organização racional da realidade.” (Sodré, 1996, p. 135). Ou seja, somos capazes de perceber a existência do outro a partir do contato - o próprio corpo ou carne - com a realidade construída pelas narrativas jornalísticas - que por serem erigidas sob a égide da *objetividade jornalística* trazem em si um forte apelo não-ficcional.

A narrativa jornalística explora o verossímil, e cada tipo de material exige uma gramática (Neveu, 2006): imagens, textos, fatos, ideias e uma série de informações que precisam ser encadeadas a questões externas ao ofício de informar (de pressões profissionais a questões próprias de cada tempo e sociedade onde a informação é veiculada).

O peso do verossímil reflete também os estereótipos sociais, a capacidade de certas fontes de impor sua definição dos problemas. Ele resulta paradoxalmente das convenções pelas quais a escrita jornalística pretende produzir objetividade e legibilidade. (Neveu, 2006, p. 122)

A busca por tal legibilidade faz com que o Jornalismo se municie de artifícios estéticos - e por isso, éticos¹⁸ - para que a pluralidade do cotidiano - onde diferentes realidades concomitantes coexistem - seja compreendida socialmente. O Jornalismo depende do reconhecimento da diversidade. (Fontanive, 2022).

JORNALISMO, NARRATIVA E ALTERIDADE

O ato de narrar é uma forma de compreensão da realidade - e de compreender a si mesmo. Tal qual define a professora, historiadora e pesquisadora Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa (2009, p. 33): “Narrativas, teias instigantes dessa forma discursiva, caracterizam-se por serem fluxos de memória que revivem sentimentos, informam, esclarecem e até inventam para compor um novo desenho textual.” Este novo desenho textual, tal qual um palimpsesto, exige que a técnica de humanização da narrativa seja constantemente reescrita (atualizada) a fim de cativar ainda mais o leitor. No campo do Jornalismo, e de acordo com Muniz Sodré e a Maria Helena Ferrari na obra *Técnica de reportagem: notas sobre narrativas jornalísticas* (1986),

[...] a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos. O repórter é aquele “que está presente”, servindo de ponte (e, portanto, diminuindo a distância) entre o leitor e o acontecimento. Mesmo não sendo feita em 1ª pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação. (Sodré, Ferrari, 1986, p. 15).

Ou seja, é através do discurso e/ou da narrativa que se torna possível essa relação com o outro. “[...] Mais do que ouvi-lo, há uma necessidade de compreendê-lo, de colocar-se em seu lugar para que possa compreender o outro que é distinto, diferente, diverso do que considera conhecido e compreendido.” (Cardoso, 2016, p. 15). Isso implica reconhecer as diferenças e tentar ir além

¹⁸ “Vista a partir da comunicação, a solidariedade desemboca na construção de uma ética que se encarrega do valor da diferença articulando a universalidade humana dos direitos à particularidade de seus modos de percepção e expressão.” (Martín-Barbero, 2005, p. 74).

das próprias percepções pré-concebidas para que se possa expandir a própria visão de mundo, e entender também que o outro se posiciona dentro de sua própria realidade.

De acordo Ricoeur “[...] narrar é dizer quem fez o quê, por quê e como, estendendo no tempo a conexão entre esses pontos de vista.” (RICOEUR, 2019, p. 153). É através dessa mediação que se torna possível abordar uma realidade diferente da qual vivenciamos, no entanto, reconhecemos que não é o suficiente para chegar a uma totalidade do outro, porque “[...] o que se passa dentro dele, a dor do outro, nunca saberemos.” (Cardoso *apud* Marcondes Filho, 2013, p. 32).

Apesar de ser possível através da narrativa mediar e transmitir uma determinada compreensão do mundo, há um limite intransponível: não se pode conhecer completamente as experiências de outra pessoa. É necessário reconhecer que, embora seja possível tentar entender o outro, algumas dimensões de sua realidade sempre permanecerão inacessíveis. A estrutura da narrativa no universo jornalístico, contudo, permite uma maior aproximação com quem se apresenta como diferente de nós - cria-se um espaço para o diálogo, para a comunicação.

Assim, a estrutura narrativa mobilizada pelo Jornalismo tende reverberar vozes de dissenso, lançar luz sobre atores sociais que fogem das determinações societárias. Mais uma vez, contudo, ressalta-se que é necessário não perder de vista as subjetividades que terão contato com tal narrativa. De acordo com Luís Mauro Sá Martino (2016):

[...] só posso contar uma história na medida em que aprendo e compreendo os fatos que serão transformados nos elementos fundamentais dessa história; no entanto, essa apreensão acontece exclusivamente de acordo com meus próprios modos de conhecer, que, longe de serem exclusivamente meus, são constituídos ao longo de minha vida, de meus relacionamentos, de minha trajetória dentro da sociedade. Narro a partir do que sei, mas o que sei está ligado diretamente às condições que tenho para conhecer a realidade. (Martino, 2016, p. 5).

E ainda assim, reconhecendo essa limitação, o Jornalismo tem a possibilidade de trazer a diversidade social em sua narrativa. Para Karam, “essa capacidade mediadora - que põe em relação o mundo da vida e o do texto - evidencia que o Jornalismo tem um papel fundamental na construção do conhecimento sobre a diferença e a semelhança entre os seres humanos.” (Karam *apud* Benetti e Freitas, 2017, p. 2).

A diversidade e pluralidade são essenciais para a prática jornalística, o que remete à alteridade sobre a qual escreve o filósofo Paul Ricoeur: abordá-la é reconhecer que a existência do *eu* só existe mediante um contato com o *outro*, e é a partir do *outro* que partimos para uma narrativa no Jornalismo que consiga expressar essa outra existência. Destarte, reconhecer a diversidade social enriquece o conteúdo jornalístico e fortalece a função social desta profissão para o entendimento mais profundo e inclusivo da sociedade.

Primeiro, o repórter também é um ser no mundo que experiencia os fenômenos e seu próprio contato com o “outro”. No entanto, por estar posicionado em um lugar discursivo específico, o repórter organiza sua experiência a partir de expectativas que vão além das suas, pessoais, e derivam de um conhecimento compartilhado sobre como um repórter deve encarar aquilo que é diferente dele. Segundo, o Jornalismo, pensado como uma instituição, tem como finalidade ampliar o conhecimento dos leitores. Isso implica provocar o leitor a não reduzir o mundo apenas ao seu próprio universo de experiências. (Benetti e Freitas, 2017, p. 4).

Segundo o jornalista Ciro Marcondes Filho, a Comunicação “[...] não pode existir sem a presença da alteridade. É sempre uma relação com algo/alguém que não sou eu. É, portanto, visceralmente dependente da existência do Outro.” (Marcondes Filho, 2014, p. 22). Seja enquanto público receptor ou como fonte do material a ser jornalisticamente produzido, a primeira lealdade do Jornalismo é com os cidadãos (Kovach, 2003). Estar atento às questões que movem e instigam a sociedade deve ser o foco do jornalista - reconhecendo, obviamente, que há uma série de questões que fogem da influência deste profissional que, com raras exceções, é mais um funcionário em uma redação cada vez mais enxuta e com exigências mercadológicas cada vez mais crescentes.

O *formato* no qual a narrativa é comumente apresentada é a notícia. Tal qual escreve Sodré: “Notícia - *relato jornalístico* de acontecimentos tidos como relevantes para a compreensão do cotidiano - é propriamente uma *forma narrativa*, ou seja, um modo específico de se contar uma história.” (Sodré, 1996, p. 132). Mas além da notícia ou da reportagem, há outras formas de se explorar e evidenciar a alteridade jornalisticamente. Ou seja, há outras formas de explorar alteridade e externar diversidade dentro do Jornalismo que não seja apenas em formato de notícia e/ou de reportagem, como é o caso das seções depoimento/diário/história da revista piauí. Embora sejam seções mais subjetivas, podem trazer, além da diversidade social, uma visão mais humanizada sobre temas que na qual experiências de diferentes sujeitos sejam representadas e compreendidas de uma maneira mais empática.

REVISTA PIAUÍ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE ALTERIDADE

A piauí (nome estilizado em minúsculas) é uma revista mensal independente e foi criada em 2006 pelo documentarista João Moreira Salles com o objetivo de contar histórias “apuradas com tempo largo, escritas com zelo e destinadas a quem gosta de ler”. Este tempo maior de apuração permite que a revista consiga apresentar materiais jornalísticos mais detalhados - com ênfase em reportagens mais rebuscadas. Tanto na versão impressa quanto no site da revista constam as seções *Depoimento*, *Diário* e *História Pessoal*, que são equivalentes por publicar relatos e vivências de não-jornalistas e que existem desde a criação da publicação - apesar de não serem fixas nem temas obrigatórios a serem abordados. São textos comumente escritos em primeira pessoa e que ou são apurados pelos repórteres ou que, de alguma forma, chegam à redação. O material é checado e editado com o objetivo de tornar a narrativa concisa e dentro das normas gramaticais. Ressalta-se, contudo, que nem tudo que é publicado: a decisão é sempre do diretor da redação¹⁹.

¹⁹ Para a obtenção de tais informações foi realizada uma entrevista via e-mail com a produtora executiva da revista, a jornalista Raquel Zangrandi.

É nestas seções que se observa o exercício jornalístico da alteridade. O material publicado aborda temas que espelham diferentes realidades, em especial a de vozes minoritárias²⁰. Tal qual escreve o filósofo Paul Ricoeur:

Contamos histórias porque, afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas. Essa observação ganha toda a sua força quando evocamos a necessidade de salvar a história dos vencidos e dos perdedores. Toda a história do sofrimento clama por vingança e pede narração. (Ricoeur, 2010, p. 129)

Esse *pedido de narração* envolve, nos termos jornalísticos, uma maior humanização. De acordo com o jornalista Mário Erbolato, em “Técnicas de Codificação em Jornalismo” (1979), a “[...] humanização quer dizer levar a informação até o ambiente do leitor, de maneira que ele a sinta. Não é descrever para o leitor, mas redigir de tal forma que a notícia tenha um sentido para ele.” (Erbolato, 1979, p. 38). Contudo, é necessário levar em consideração que há todo um processo de percepção e interpretação que tangencia o fato noticiado e a versão jornalística (Lage, 2009). Porém, interessa-nos observar como nesse ínterim se manifesta a alteridade.

A fim de compreender a alteridade como elemento-motor do Jornalismo veiculado na revista piauí, optou-se metodologicamente pelo estudo de caso de natureza descritiva e qualitativa. De acordo com Gil (2009, p. 6): “[...] o estudo de caso pode ser considerado um delineamento em que são utilizados diversos métodos ou técnicas de coleta de dados, como, por exemplo, a observação, a entrevista e a análise de documentos.”

As autoras Gerhardt e Silveira (2009) afirmam que uma pesquisa de caráter qualitativo “[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (Gerhardt e Silveira, 2009, p. 31). Para tal fim exercitou-se a interpretação do conteúdo de dois textos veiculados na revista nas seções

²⁰ “O conceito de minoria é o de um lugar onde se animam os fluxos de transformação de uma identidade ou de uma relação de poder. implica uma tomada de posição grupal no interior de uma dinâmica conflitual.” (Sodré, 2005, p. 12).

supracitadas, porém sem um aprofundamento excessivo a fim de respeitar as limitações espaciais que caracterizam um artigo científico.

Fez-se um recorte com textos que datam de 2021: um primeiro que se insere no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil e outro que lança luz sobre os estereótipos que determinada parcela da sociedade enfrenta face à segurança pública. Acreditamos que estes dois exemplos dialogam com o viés humanizante que norteia o Jornalismo, bem como auxiliam na compreensão da alteridade enquanto instrumento de redimensionamento do *fazer jornalístico* ante às demandas sociais.

DEPOIMENTO: “A HISTÓRIA DO COVEIRO FILÓSOFO²¹”

O primeiro texto selecionado diz respeito ao depoimento de Osmair Cândido - também conhecido como Fininho - concedido para a jornalista Camille Lichotti, publicado no site da Revista piauí dia 18 de junho de 2021. Ele narra como a filosofia alemã o ajudou a enfrentar a pandemia. Apesar do caráter idiossincrásico é possível observar que há uma crítica social e econômica nas entrelinhas.

A narrativa textual se estrutura com Osmair contando sobre como era trabalhar durante a pandemia, e quais as dificuldades daquele período. Além de poucas informações, já que era um vírus novo, ele aponta para a falta de EPI (equipamento de proteção individual) e como teve que improvisar para trabalhar com o mínimo de segurança. Além do medo do vírus, Osmair comenta sobre a dor da morte e como é difícil a vida de coveiro: reconhecer o nome das vítimas, enterrar um amigo ou um vizinho, por exemplo. Mas ele é sepultador, e tinha como dever sepultar. “Só lembraram que a gente existe por causa da pandemia”, diz.

²¹ **A história do coveiro filósofo.** Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/historia-do-coveirofilosofo> Acesso em: 31 jan. 2025.

O depoimento de Osmair informa sobre a existência do outro a partir de uma necessidade comum da sociedade naquele determinado período. E apesar da necessidade há a exclusão. No depoimento, ele conta: “Açam que todo coveiro é desalmado, bêbado, analfabeto, paupérrimo, insensível. Essa é a impressão geral. (Cândido, 2021).

Osmair sempre foi apaixonado por Filosofia. Ele conta que começou a trabalhar como coveiro aos 20 anos de idade. Tinha planos de ingressar em um curso superior, mas no seu tempo o país estava sob a ditadura civil-militar, achava perigoso, e ainda tinha a questão econômica. Para complementar a renda, trabalhou como faxineiro da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, mas só começou a estudar quando estava perto de completar 50 anos - e só porque conseguiu uma bolsa de estudos. E apesar de ter conseguido desconto no curso de Filosofia, ainda assim, era caro. Osmair relata que um colega de profissão o ajudou a pagar as mensalidades.

O depoimento revela que Osmair atraía a atenção dos demais estudantes: o tal *interesse humano* que também existe no universo jornalístico (um valor-notícia que “justifica” a veiculação de determinado material). Apesar de ter gostado desse período, Osmair observou que existe uma bolha da intelectualidade na academia - bolha essa que reflete numa precarização financeira para quem almeja atuar nessa área: se fosse trabalhar como professor, Osmair ganharia menos do que ganha como coveiro - o que não o impediu de dar aula de ética para Associação Nacional de Necrópsia, sem abandonar a profissão.

Segundo Osmair falta um protocolo para sepultamento no Brasil, o que o faz lembrar do caso de um jovem coveiro que desmaiou de cansaço. Além disso, conta que por causa do risco, não era possível a realização de velório ou nenhuma outra forma de se despedir de um ente querido: o enterro se aproximava mais de um descarte de corpos. Perto da cova ficavam só os coveiros enterrando gente e, do outro lado, a família desesperada:

O que mais me marcou foi quando eu tive que pegar o caixão da mão de uma mãe. Ela não queria largar, queria que eu abrisse para ter certeza de que era o filho dela mesmo, mas eu não podia. Ela falou assim para mim: “Moço, não faz isso. Aí dentro tá meu sonho, minha vida”, e começou a gritar. Era um rapaz de no máximo 20 anos e tinha morrido de Covid. Ali deu vontade de largar tudo e ir embora pra casa. Foi um dos piores dias da minha vida. (Cândido, 2021).

O relato do “coveiro filósofo” suscita reflexões sobre a questão financeira que aflige a população em geral e aborda as condições de um trabalho que é essencial em nossas vidas, mas que é pouco visibilizado. O texto aborda o período da pandemia e o impacto social que ela causou, temos também parte de uma realidade que ainda persiste: desigualdade socioeconômica e difícil acesso à educação. É através dessa narrativa pessoal que se observa uma crítica sobre um determinado período do país, as políticas públicas relacionadas à saúde e a precarização de uma determinada classe trabalhadora.

E é assim que o Jornalismo atua como veículo de reverberação de vozes diversas que ajudam a conscientizar a sociedade sobre problemas comuns a todos. A alteridade aqui é atravessada por questões de classe que extrapolam a mera informação jornalística e incita uma observação mais atenta e ampla sobre um contexto social que “naturalmente” parece estar fadado às entrelinhas ou às notas de rodapé.

DIÁRIO: “QUAL FACÇÃO, VAGABUNDO?”

O segundo texto selecionado para este artigo foi publicado no dia 15 de outubro de 2020 na revista piauí, e a seção foi intitulada “Diário”. O material traz o relato de Luiz Carlos da Costa Justino, jovem violoncelista negro - na época com 23 anos - que foi preso erroneamente. Ele foi acusado de roubo ocorrido três anos antes e, por engano, encarcerado por cinco dias. Logo abaixo, alguns trechos do diário que ajudam a dimensionar o viés jornalístico do relato a partir da compreensão da alteridade.

“2 de setembro, quarta-feira - No dia da minha prisão, eu fui tocar lá na Praia de Icaraí, que é um bairro chique de Niterói. Eu estava com a Orquestra X, um trio que eu tenho com dois amigos, o Jorge e o Rodrigo. Eu também tenho outro trio musical, chamado Trio Parada Dura, com um tio meu, o Leandro, e com o Ricardo, que é meu irmão de criação. Morei com o Ricardo desde os 6 anos de idade, que foi quando saí da casa da minha mãe, porque eu não me dava bem com meu padrasto. Passei a morar com a minha tia. Os filhos dela - o Ricardo e o Katunga, que eram bem mais velhos que eu - ficaram com a função de cuidar de mim. Como eles já tocavam na Orquestra da Grota, eles me levavam junto, porque ficavam lá o dia todo, fazendo música. O Katunga era professor. Hoje ele é maestro da orquestra principal e também da Orquestra Jovem. Um dia ele me falou que se eu completasse o Método Suzuki, um livro que a gente usa para estudar música, ele me dava um videogame ou um celular. Fiz em três meses, e ganhei um PlayStation 3. Valeu também para eu tomar mais gosto pela música. [...] O Jorginho, que toca violino na orquestra, sugeriu que a gente comprasse dois latões de Brahma, para ir tomando no ônibus, na volta para casa. Só que tinham dois amigos do Jorginho também, e eles eram muito cheios de marra. Acho que foi por isso que os guardas resolveram nos parar, quando eles estavam bebendo a cerveja e um dos meninos respondeu ao guarda com arrogância. Primeiro, um guarda tirou um celular do bolso e usou o aparelho para puxar o nome dos moleques numa lista de procurados. Não deu nada, e eles foram liberados. Aí, puxou o do Jorginho, que também não deu nada. Quando foi puxar o meu nome, o guarda disse que estava demorando para sair a resposta, e que a gente tinha que ir para a delegacia checar. Mandaram eu entrar no banco de trás da viatura, com o violoncelo no colo. Foi um guarda sentado de cada lado meu. Na delegacia, os policiais colheram minha digital, e perguntaram minha altura. Depois disso, o delegado perguntou se eu tinha avisado alguém que estava lá, porque eu estava preso. Eu virei para o guarda que tinha me levado e perguntei: “Como assim? Eu tô preso?” O delegado falou alguma coisa, e eu respondi para ele “Não tô falando com você, não, senhor.” Foi reflexo, porque quem tinha me levado era o guarda. Mas aí ele começou a me xingar, não me deixou ligar para minha mãe, e falou que eu era “uma raça de 157”. Eu fiquei com muita raiva. Me alterei porque fiquei nervoso.

3 de setembro, quinta-feira - [...] eu e todos os presos da cela fomos para Benfica numa van. Colocaram a gente algemado, de três em três, com os braços para trás. Com o balanço do carro, a algema vai apertando, é muito ruim. Um dos caras que estavam algemados contou que tinha sido preso por causa de um processo em cima dele, de que tinha matado alguém um tempo atrás. Ele era branco. O outro que estava com a gente era negro. Eu estava chorando muito no caminho, aí eles falaram que era para eu dizer que morava em área do Comando Vermelho, porque assim eu ficava na mesma cela que eles. E, na verdade, a comunidade Grota, onde eu moro em Niterói, é mesmo dominada pelo cv. Mas o advogado já tinha me avisado que não era para eu falar que morava na Grota, mas em São Francisco, que é o bairro que fica logo do lado, no asfalto. Assim iam me colocar numa cela neutra. [...] em seguida, a gente foi para as celas. Tinha três: uma do Comando Vermelho, uma das milícias e uma neutra. Um agente perguntou para mim: “Qual facção,

vagabundo?” Aí eu disse: “Sem facção”, e me colocaram numa cela neutra. Não sei quantas pessoas tinha quando eu cheguei.

4 de setembro, sexta-feira - [...] passei o dia deitado na cama. Tinha uma tevê na cela, mas ela estava desligada por punição, porque alguém tinha feito alguma besteira. De vez em quando, os guardas chegavam na frente da cela e falavam o nome de um detento. Falaram o nome do cara que tinha o cabelo igual ao meu. Ele foi levado para a audiência de custódia, e depois deve ter sido libertado, porque não voltou mais. Eu não tive direito à audiência, porque minha prisão não era em flagrante. Eu nem sabia por que motivo eu tinha sido preso.

5 de setembro, sábado - [...] foi nesse dia também que o pessoal resolveu ir para a frente do presídio, com a Globo filmando, para protestar contra a minha prisão e tocar umas músicas para mim. De onde eu estava não consegui ouvir, e também nem vi na tevê, porque a nossa estava ligada em outro canal, num desenho animado. Mas, dali para a frente, tudo mudou.

6 de setembro, domingo - Nesse dia, teve rosquinha no café da manhã. Logo depois, um agente abriu a minha cela e falou: “Luiz Carlos, seu alvará cantou.” Fiquei repetindo para ele: “Me leva embora, me leva embora”, mas ele disse que ainda ia levar um tempo até sair a papelada da soltura. Me levaram para uma sala, onde um agente ficou escrevendo sobre o meu caso no computador. Imprimiu, tirou minha digital, perguntou o nome da minha mãe e do meu pai para checar se era eu mesmo. Depois me entregou o papel e falou que eu podia ir embora. Ele avisou que a Globo estava lá fora me esperando.

7 de setembro, segunda-feira - Cortei meu cabelo, porque ainda estava sentindo um clima muito pesado. Eu gostava dele grande, com os dreads, mas parecia que os dreads tinham trazido uma coisa de dentro do presídio.”

Assim como no depoimento de Osmair Candido, o “coveiro filósofo”, tem-se o relato sob a perspectiva de quem de fato passou por uma situação de injustiça. Mesmo sendo um depoimento - na estrutura narrativa de um diário, com datas/dias - é possível perceber que há uma crítica ao sistema carcerário, ao preconceito e à injustiça que aflige determinada parcela da população devido aos estereótipos socialmente perpetuados e carregados de preconceito (os *dreads*²², por exemplo, que inclusive ao final do incidente acabam por ser cortados pelo jovem músico).

²² Dreadlock ou apenas dread é uma forma de penteado (mechas emaranhadas) que remete ao Rastafarianismo, religião afrocêntrica jamaicana comum entre negros descendentes de africanos escravizados. Um dos rastafari (praticante de tal religião) de maior notoriedade foi o cantor e compositor de reggae Bob Marley (1945-1981).

O relato de Luiz Carlos da Costa Justino tem um forte apelo subjetivo, mas expressa também um viés noticioso ao abordar um tema que *ainda* é atual. O aspecto jornalístico do relato se evidencia na descrição de uma sela prisional, das condições nas quais os detentos se encontram e ao tratamento dado a quem é detido (a pergunta do agente penitenciário que intitula o relato diz muito sobre isso).

A alteridade neste caso se encontra na realidade exposta por quem foi preso injustamente (“Eu nem sabia por que motivo eu tinha sido preso”, diz o jovem músico), e que reflete a situação pela qual ninguém almeja passar.

Colocar-se neste lugar de injustiça se torna, destarte, um exercício de cidadania - e neste caso a narrativa apresentada em forma de diário contribui para dimensionar o que Luiz Carlos da Costa Justino passou.

A definição de notícia proposta por Muniz Sodré ajuda a lançar luz sobre este depoimento: “A notícia impõe-se como um simulacro de experiência do acontecimento descontínuo”. (Sodré, 1996, p. 145). E o simulacro aqui não é entendido como algo falso ou simulado, mas sim como uma espécie de projeção que é perceptível ao corpo e à carne - para mantermos os termos de Paul Ricoeur - a partir da leitura de uma narrativa pungente. Afinal, quem lê não é o outro (quem passou pela situação descrita), jamais será, e não é a sua realidade - no entanto, tem-se consciência de outras realidades através da narrativa, e assim consegue-se experienciar a alteridade. Portanto, o leitor - mesmo que não tenha vivenciado experiência semelhante - consegue trabalhar a própria empatia e consciência sobre diferentes realidades através da narrativa.

A alteridade presente no relato acima pode agir como uma ferramenta para conscientizar, sensibilizar e transformar o leitor. E mesmo que essa experiência não seja dele, é real para outros, e a narrativa jornalística serve como forma de abordar as diferenças, além de escancarar desigualdades e injustiças, como foi o caso do relato do Luiz Carlos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste trabalho, percebe-se que a noção de alteridade pode auxiliar na construção de narrativas que buscam ser mais humanizadas e que elucidam a diversidade social e os múltiplos sujeitos que estão inseridos nela. O ponto de partida foi trazer o conceito de alteridade na perspectiva do filósofo Paul Ricoeur e reconhecer o Jornalismo como construtor de realidade ao se apresentar como ponte de conexão entre a escrita e o mundo - e como possibilidade de acessar fenômenos sociais narrados pelo jornalista, além do compromisso ético que possui.

O Jornalismo enquanto gênero discursivo particular é atravessado pelo fenômeno da alteridade. (Benetti, Freitas, 2017). Metodologicamente escolheu-se o estudo de caso *Dreadlock* ou apenas *dread* é uma forma de penteado (mechas emaranhadas) que remete ao 12 Rastafarianismo, religião afrocêntrica jamaicana comum entre negros descendentes de africanos escravizados. Um dos rastafari (praticante de tal religião) de maior notoriedade foi o cantor e compositor de *reggae* Bob Marley (1945-1981). para discorrer sobre o tema, e o objeto de análise foram textos da Revista piauí por evidenciarem uma perspectiva mais idiossincrática sobre temas atuais - relatos de não-jornalistas. Tais narrativas passam pelo crivo jornalístico sem, no entanto, perder o tom pessoal que ressalta a alteridade sobre a qual discorre Paul Ricoeur.

O fato de o espaço não ser uma seção de nomeação fixa da revista (pode aparecer como *Depoimento*, *Diário* ou *História Pessoal*, a depender do diretor da redação) auxilia em narrativas fluidas tanto textualmente quanto em temas abordados. Segundo a jornalista Raquel Zangrandi, produtora executiva da Revista piauí, o veículo considera esses relatos interessantes para os leitores e que valem a pena ser contadas em primeira pessoa. Este olhar mais pessoal reforça a alteridade da qual o Jornalismo se utiliza na humanização dos relatos, e com isso tende a aproximar os temas *apurados* do público leitor.

Considera-se que tanto a notícia quanto a reportagem são formas consagradas de construção narrativa do Jornalismo. A proposta da Revista piauí em

nomear uma seção com termos que remetem à subjetividade, a princípio, parece ir de encontro ao que se entende como *objetividade jornalística*. Porém, para os textos exploram uma visão mais humanizada da diversidade social, o que possibilita ao leitor a compreensão de temas complexos de forma mais empática a partir das experiências de outros tipos de narradores.

As formas narrativas utilizadas pela piauí ampliam a representação de múltiplas perspectivas, facilitando o reconhecimento do "outro", e com isso, estimula afetos, ao possibilitar uma maior compreensão e respeito pelas diferenças - pilares essenciais para a construção de uma sociedade mais inclusiva. Esses afetos, compartilhados através da comunicação, nos levam a partilha do sensível, ou seja, busca-se não apenas informar, mas também construir pontes entre perspectivas diferentes.

A partir desta análise, infere-se que a prática da alteridade no Jornalismo é essencial para que os jornalistas enxerguem o mundo sob diferentes perspectivas, e o Jornalismo - como construtor de realidade(s) - tem papel ético e social de manter uma sociedade informada, inclusiva e diversa, respeitando e externando as pluralidades de múltiplos atores sociais. Por isso ressalta-se também a importância de um ensino superior atento a tais questões - para ir além da operacionalização de máquinas ou do mero reporte de informações e dados.

REFERÊNCIAS

BARROS, Laan Mendes de. O "percurso do reconhecimento" nos estudos da comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 16, n. 3, p. 137-152, 2023.

BENETTI, Marcia; FREITAS, Camila. Alteridade, outridade e Jornalismo: do fenômeno à narração do modo de existência. **Brazilian Journalism Research**. Brasília, DF: Vol. 13, n. 2, p. 10-29, 2017.

CARDOSO, V. L. A alteridade aplicada a políticas públicas de comunicação para a diversidade cultural. **Políticas Culturais em Revista**, [s.l.], v. 9, n. 2, p. 704-725, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/16696>. Acesso em: 12 nov. 2024.

ERBOLATO, L. M. **Técnicas de Codificação em Jornalismo: redação, captação e edição do jornal diário**. Petrópolis, Vozes, 1979.

FONTANIVE, Stefani. Alteridade e Outridade: o outro na editoria cotidiano da Folha de S.Paulo. In: **Anais 20º Enc. Nac. Pesq. Jornalismo**, 2022, Fortaleza, 2022.

GERHARDT, E. T; SILVEIRA, T. D. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de Caso: Fundamentação Científica, Subsídios para coleta e Análise de Dados - Como redigir o relatório**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2023. **IBGE**, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102107> >. Acesso em 29 nov. 2024.

KOVACH, Bill. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Rosto e a Máquina. O fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humanos, medial e tecnológico**. São Paulo: Paulus Editora, 2013.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Das coisas que nos fazem pensar, que nos forcem a pensar [recurso eletrônico]: o debate sobre a nova teoria da comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: Por uma outra comunicação. Dênis de Moraes (org.) **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, p. 57-86, 2005.

MARTINO, Luís Mauro Sá. De um eu ao outro: narrativa, identidade e comunicação com a alteridade. **Parágrafo**, v. 4, n. 1, p. 40-49, 2016.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. Palavra: alteridade. [São Paulo]: Melhoramentos, 2009. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=alteridade> Acesso em: 30 set. 2024.

MOURA de, P. C; LOPES de. V. I. M. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro**. São Paulo, Brasil: Papirus, 1991.

SIQUEIRA, Camila Freitas. **Alteridade e jornalismo : a outridade na editoria Mundo da Folha de S. Paulo**. Dissertação. Mestrado. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/158181> Acesso em: 10 jul. 2025.

SODRÉ, Muniz, FERRARI, M. Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, p. 11-14, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 3. ed. Ver. 2012.

Artigo recebido em: 11 de março de 2025.

Artigo aprovado em: 31 de julho de 2025.